

O hábito de leitura dos estudantes do curso de letras

The reading habit of the students of the language arts course

Marta Avelino Martiniano da Silva

Universidade Estadual de Alagoas

Juliana Oliveira de Santana Novais

Universidade Estadual de Alagoas

Marta Avelino Martiniano da Silva

Graduada em letras pela UNEAL, aluna especial do Programa de pós-graduação em Linguística e literatura (PPGLL) / UFAL
<https://orcid.org/0000-0003-3881-8679>

Juliana Oliveira de Santana Novais

Doutoranda em Educação pela UNICAMP e mestra em Ensino de Linguagens pela UEMS. É professora e coordenadora dos cursos de Letras Português e Inglês da Universidade Estadual de Alagoas, unidade universitária União dos Palmares, Campus V.
<https://orcid.org/0000-0002-9851-1954>

Recebido em:
26/11/2021

Aceito em:
26/07/2022

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 28-41

RESUMO

Este trabalho, de abordagem qualitativa, tem como principal objetivo refletir sobre o hábito de leitura dos estudantes do curso de licenciatura em Letras Inglês e Português da Uneal Campus- V. As perguntas que buscamos responder são: os estudantes do curso de Letras da Uneal Campus- V são leitores proficientes? O que esses estudantes leem? Com que frequência eles leem? Para esses estudantes a leitura é considerada importante na formação acadêmica? Mais especificamente, qual o hábito de leitura dos alunos graduandos do curso de Letras da Uneal Campus V? Para responder às indagações, fez-se necessário construir um questionário semiestruturado via *Google form* e aplicá-lo aos estudantes matriculados no curso de Letras Português e Inglês, bem como, recorrer a pesquisadores que abordam a temática da leitura (cf. KLEIMAN, 2002, 2008; KOCH, 2011; LAJOLO, 2002, 2011; MARCUSCHI, 2008; SAVELI, 2007). Acreditamos que a leitura perpassa toda a vida acadêmica do estudante e constitui-se em uma ferramenta profícua para a formação do sujeito crítico e reflexivo. Nessa perspectiva é por meio da leitura que o estudante tem acesso aos mais diversos conhecimentos adquiridos pela sociedade, tornando em uma atividade imprescindível para a formação acadêmica. A pesquisa revelou que apesar dos discentes reconhecerem a leitura como uma atividade de grande importância no meio acadêmico, uma parcela significativa dos estudantes não mantém a leitura como hábito cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura. Hábito de leitura. Ensino Superior;

ABSTRACT

The main objective of this work, with a qualitative approach, is to reflect on the reading habit of students of the English and Portuguese Language course at Uneal Campus-V. The questions we seek to answer are: - Are the students

proficient readers? What do these students read? How often do they read? For these students, is reading considered important in academic education? More specifically, what is the reading habit of undergraduate students of the Language Arts course at Uneal Campus V? To answer the questions, it was necessary to build a semi-structured questionnaire via Google form and apply it to students enrolled in the Portuguese and English Language Course, as well as to resort to researchers who approach the theme of reading (cf. KLEIMAN, 2002, 2008; KOCH, 2011; LAJOLO, 2002, 2011; MARCUSCHI, 2008; SAVELI, 2007). We believe that reading permeates the entire academic life of the student and constitutes a useful tool for the formation of the critical and reflective subject. From this perspective, it is through reading that the student has access to the most diverse knowledge acquired by society, making it an essential activity for academic training. The research revealed that although students recognize reading as an activity of great importance in the academic environment, a significant portion of students do not keep reading as a daily habit.

KEYWORDS

Reading. Reading habit. University Education.

1. Introdução

Escrever sobre leitura no Brasil nos coloca diante da fragilidade educacional que nos cerca desde o século XX. Ainda na contemporaneidade, dados de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que em 2018, havia 11,3 milhões de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais de idade. Nesse ínterim, fazendo uma retrospectiva, pode se afirmar que

só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso. (LAJOLO, 2011, p.19)

É consensual entre os autores pesquisados (Cf. GERALDI, 1991; SILVA, 1986; NOVAIS, 2013), que a leitura é uma forma de democratização, um instrumento de libertação, de transmissão do conhecimento. Porém, Silva (1986), fazendo uma retrospectiva histórica sobre a presença da leitura na sociedade, revela que o acesso aos livros e à leitura nunca foi democrático em nosso país. Desde o período colonial, assim como o analfabetismo, a falta de leitura vem sendo reproduzida entre as classes econômicas mais baixas, pela escassez de bibliotecas, pelo alto custo e difícil acesso aos livros.

Em conformidade com Geraldi (1991), acreditamos que o texto deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada do ensino de língua. Uma vez que “a formação dos sujeitos, no âmbito escolar e fora dele, está fundamentada na leitura” (NOVAIS e NASCIMENTO, 2020, p. 74), pois é a partir da compreensão textual dos mais diversos textos que os estudantes têm acesso aos

variados conhecimentos. Nesse sentido, em uma sociedade cada vez mais letrada, ler, como sinônimo de compreender, é uma das habilidades mais importantes que um indivíduo pode adquirir.

Entretanto, ao observarmos os resultados do PISA (Programa Internacional de Avaliação dos estudantes) notamos que o trabalho com a leitura não é satisfatório, já que os números demonstram que 50% dos estudantes menores de 15 anos estão no nível da decodificação, isto é, leem, mas não compreendem. Outro dado alarmante e que corrobora com o PISA, são os estudos apresentados pelo INAF - Indicador de Analfabetismo Funcional. De acordo com a edição de 2018 do INAF, apenas 12% da população brasileira se encontra em nível proficiente. Se olharmos para os sujeitos com o nível superior o resultado é um pouco melhor, apesar de nem um pouco otimista, visto que na escala do INAF (2018, p.18) “apenas um terço (34%) das pessoas que atingem o nível superior podem ser consideradas proficientes”. O que nos leva a assertiva de que o problema da leitura não se encontra apenas na educação superior, e sim em toda a escolarização, apesar de ser “dever do Estado e direito constitucional do cidadão.” (MORTATTI, 2010, p. 329)

Nessa perspectiva, partindo da hipótese de que os estudantes de um modo geral, incluindo os universitários, não têm o hábito de leitura é que perguntamos: os alunos do curso de Letras da Uneal - Campus V são leitores assíduos? Eles consideram o hábito de leitura importante para a formação acadêmica? Com que frequência eles leem? Mais especificamente, qual o hábito de leitura dos alunos graduandos do curso de Letras?

Para responder as perguntas fez-se necessário aplicar um questionário semiestruturado na busca de entender o hábito de leitura dos estudantes, bem como procurar por estudiosos que abordam a temática na busca de fundamentar teoricamente este trabalho. Responderam ao questionário 30 estudantes, sendo 60% matriculados nos últimos períodos no curso de Letras.

Porquanto, o presente trabalho de abordagem qualitativa partiu da preocupação do hábito de leitura dos graduandos visto que “é a partir da leitura que ocorre o desenvolvimento cognitivo e a formação crítica e reflexiva do cidadão” (NOVAIS, NASCIMENTO, 2020, p. 75). Assim, esperamos mesmo que minimamente, trazer uma reflexão sobre as práticas de leitura dos discentes e quiçá ajudar a repensar propostas pedagógicas que incentivem a leitura seja por deleite ou para cumprir com requisitos.

2. Em Busca de Uma Definição de Leitura

Em linhas gerais, de acordo com Koch e Elias (2011, p, 9), a pergunta “o que é ler?” pode ser respondida de diferentes maneiras, “os quais revelaram uma concepção de leitura decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que adote.” Assim, partindo do entendimento que a leitura é uma atividade interacional (dialógica), onde leitores são sujeitos ativos, que interagem com o texto, é que concordamos com as autoras quando dizem que

a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS,

Dessa forma, tomando a língua como uma atividade interacional, onde os sujeitos são atores sociais, que dialogam, e que se constituem e são constituídos a partir dos sentidos dos textos, é que entendemos leitura como compreensão, uma vez que a leitura, significa a capacidade de entender um texto. Completando os dizeres os Parâmetros Curriculares Nacionais definem a leitura como:

Um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema da escrita etc. Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1998, p. 53)

Ampliando a discussão, segundo Chiappini (1997), o hábito de ler é um processo abrangente e complexo: é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem, a sua capacidade simbólica e de interação com o outro. Em outras palavras, ler é uma atividade altamente complexa, requer a mobilização de variadas estratégias, podendo ser “considerada como um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação.” (SOLÉ, 2008, p. 27)

Contudo, Saveli (2007) afirma que as práticas de leitura dentro da escola de educação básica são, em sua maioria, estruturalistas: há muito espaço para a decodificação e pouco para a compreensão. Vale salientar que “a leitura não se reduz à mera decodificação de símbolos impressos no papel, na tela, na camiseta ou em outros suportes: os sentidos são produzidos a partir da interação entre o que está no texto e os conhecimentos que o leitor traz para o ato de leitura” (OLIVEIRA, 2015, p. 97). Em consonância com os autores, nas palavras de Freire (2006, p. 11), “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.”

Assim como, ler nas palavras de Silva “é, em uma primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e ignorância”, (1986, p. 49) aliado a isso, Freire pontua que “a importância do ato de ler, implica sempre na percepção crítica, interpretação e “reescrita” do lido”. Dessa maneira, o hábito de ler contribui para que os sujeitos tenham acesso aos diversos conhecimentos e, dessa forma, possam construir a sua jornada de aprendizagem.

2.1. Leitor Proficiente

Ao discutirmos sobre o ato de ler, faz-se necessário entender o conceito de leitor proficiente¹, em virtude da leitura ser entendida como um ato de compreensão, de interação entre o leitor com o texto e com o mundo, e

1 Faz-se necessário saber que muitas são as denominações encontradas para leitor proficiente como: maduro, competente, completo, ativo, eficiente, entre outras que serão utilizadas como sinônimas neste texto.

dessa forma, para atingir a interpretação o leitor precisa lançar mão de estratégias tanto cognitivas como metacognitivas, isto é, precisa ser um leitor proficiente. Segundo Kleiman (2000) ler é muito mais que decodificar, é usar de inferências e estratégias. O leitor se torna proficiente quando, do mesmo texto, consegue fazer críticas, questionamentos, ou seja, é capaz de formular e responder questões de vários tipos sobre a leitura.

Solé (2008, p. 60) define o bom leitor como aquele capaz de utilizar “simultaneamente os indicadores contextuais, textuais e grafofônicos para construir o significado”. A autora lembra também que o leitor autônomo aprende a partir dos textos, dessa forma, entendemos como leitor proficiente como aquele capaz de apossar do que lê, de atribuir significados diversos, de colocar um texto em diálogo com outros, com a sua realidade, de fazer relações e associações, transcendendo a esfera do texto. O leitor proficiente demonstra habilidade com a leitura, ele usa estratégias de compreensão, buscando, é capaz de perceber a intenção do autor, de sumarizar e recontar o que leu com suas próprias palavras.

Nesse sentido, Solé (2008) acredita que o leitor proficiente é mais hábil, no que diz respeito ao entendimento, devido a sua flexibilidade, e é mais autônomo, devido a sua capacidade de inferir. Sendo assim, o leitor crítico, proficiente compreende o texto e consegue aplicá-lo ao seu conhecimento. Lajolo e Zilberman (2002) afirmam que cada leitor entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro, por exemplo.

Acrescentando ao dito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 54) definem um leitor competente como “alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.” Similarmente, Kleiman (2002) aponta que a característica mais proeminente do leitor proficiente é sua flexibilidade na leitura. Ele consegue se adaptar a diversos procedimentos para chegar aonde deseja. O leitor competente sempre tem algum objetivo em mente, seja para conhecimento, deleite, ou obter informação. Deste modo, o leitor maduro consegue identificar o seu objetivo na leitura, interrogar sobre sua própria compreensão.

Entretanto, nem todos os estudantes que adentram na academia podem ser considerados como leitores proficientes, e nem com o hábito de leitura. De acordo com os dados do INAF existe uma significativa porcentagem de pessoas que mesmo tendo conseguido chegar ao ensino médio ou ao ensino superior não alcançam os níveis mais altos da escala de alfabetismo, como é o previsto para essa faixa de escolarização. Como podemos observar na tabela abaixo, apesar de nenhum sujeito sair do ensino superior analfabeto, ainda encontramos um número significativo (66%) de estudantes que terminam alguma graduação sem atingir o nível mais alto de proficiência na leitura.

Tabela 1- Distribuição da população por níveis de Alfabetismo e escolaridade (% na escolaridade)

	Total	Nenhuma	Ens. Fund. – Anos iniciais	Ens. Fund. – Anos finais	Ensino médio	Superior
BASE	2002	116	297	451	796	342
Analfabeto	8%	82%	16%	1%	1%	0%
Rudimentar	22%	17%	54%	32%	12%	4%
Elementar	34%	0%	21%	45%	42%	25%
Intermediário	25%	1%	7%	17%	33%	37%
Proficiente	12%	0%	1%	4%	12%	34%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Analfabetos Funcionais	29%	99%	70%	34%	13%	4%
Funcionalmente Alfabetizados	71%	1%	29%	66%	87%	96%

Fonte: INAF 2018

É importante ressaltar que a leitura na universidade é uma das formas de acesso ao conhecimento científico, de ampliação do capital cultural, e quiçá, uma das últimas oportunidades formais do sujeito adentrar ao mundo da leitura de maneira hábil. “Assim, quando o aluno tem bom domínio da leitura é mais provável que também desenvolva atitudes mais positivas para esta atividade, tenha melhores condições de estudo e melhor aproveitamento acadêmico”. (SILVA e WITTER, 2008, p. 396). Caso contrário, quanto menor a compreensão em leitura, maior os erros nas produções escrita, o que torna o desempenho dos universitários bem distantes do que seria desejado nesta etapa de escolarização (VIAN, 2006).

Em vista disso, o cenário atual torna-se ainda mais preocupante quando se trata de futuros professores, que deveriam estar convencidos de que a leitura é imprescindível para a construção social, cultural e intelectual, pois a leitura é uma atividade que se projeta tanto na vida acadêmica como na profissional (AMORIM; FARAGO, 2015). Afinal, é

por meio da leitura de uma diversidade de textos que o aluno consegue entrar em contato com diferentes contextos, interagindo, mesmo que a distância, com escritores, estabelecendo assim uma interlocução. A leitura proporciona ainda, por meio dessa interação, que o indivíduo caminhe e construa sua jornada de aprendizagem e aquisição do conhecimento. (NOVAIS, 2013, p. 16)

Certamente, a leitura é um dos pilares para o desenvolvimento do discente no ensino superior, uma vez que o bom desempenho estudantil está diretamente relacionada com a competência de compreensão e consequentemente com a capacidade de produzir textos, já que dentro do meio acadêmico, qualquer que seja a atividade a ser desempenhada, quer por docentes, quer por discentes, subjacente a ela estará a necessidade de leitura. Não importa se o suporte é papel ou computador, de ambos espera-se que sejam bons leitores e bons escritores e em todos os sentidos, e que consigam colocar no papel ou relatar oralmente de forma coesa e coerente a compreensão do lido. (WITTER, 1996, *on-line*)

Sob a mesma perspectiva, Pires (2012, p. 368) afirma que deveria haver no ensino superior o hábito de leitura, devido ao seu alto grau de exigência e complexidade quanto na realização de trabalho de natureza acadêmica como: artigos, resumos, relatórios e monografias. Mas, o que se percebe, no âmbito do Brasil é uma falta de hábito de leitura por parte dos graduandos,

o que torna um objeto de preocupação, pois,

O problema supracitado acaba por atingir a educação superior, uma vez que nem todos os alunos demonstram estar preparados para academia, já que uma parcela que adentra à universidade se encontra como analfabetos funcionais. Vale salientar que a leitura no meio acadêmico é uma das formas de acesso ao conhecimento científico, sem citar que pode ser uma das últimas oportunidades formais do sujeito adentrar de forma proficiente no mundo da leitura. (NOVAIS e NASCIMENTO, 2021, p. 112)

Nessa direção, os discentes universitários “não conseguem buscar e selecionar as informações do texto; não apresentam uma atitude crítica e criativa em relação ao texto lido; a maioria não gosta de ler, sejam livros da própria área que estuda, seja outro tipo de leituras” (ALVES, 2007, p. 8). Portanto, os discentes, devem ter consciência do seu papel enquanto cidadãos em um mundo cada vez mais letrado, em especial como futuros professores de línguas, que tem como uma de suas funções despertar o gosto pela leitura dos seus futuros estudantes, servindo de modelo. E nesse sentido, torna-se importante desenvolver o hábito de leitura e a busca por sujeitos proficientes.

3. Qual o Hábito de Leitura Dos Alunos De Letras da Uneal Campus- V?

Para a construção deste artigo e obtenção dos dados, utilizou-se um questionário semiestruturado por meio do Google Formulário, composto por doze questões e enviado para o e-mail institucional dos estudantes nos meses de setembro e outubro de 2021. As perguntas foram divididas em duas partes, no primeiro momento buscamos identificar quem eram os estudantes e em qual curso estavam matriculados, já na segunda parte, as questões estavam relacionadas ao hábito de leitura. Vale salientar, que no ano de 2021 o mundo estava inserido em um caos pandêmico provocado pela covid-19 e como consequência o contato social foi restringido, fazendo com que as atividades acadêmicas acontecessem exclusivamente de maneira remota. Nesse contexto, o questionário precisou acontecer de maneira *on-line*.

Responderam ao questionário 30 estudantes matriculados nos cursos de Letras Português e Inglês da Uneal Campus V. Dos respondentes, quanto ao gênero, 8 se identificam como sexo masculino, 21 feminino e um transgênero. Desses estudantes, 20 estão matriculados no curso de Letras Português e 10 no curso de Letras Inglês, sendo que 60% se encontravam no último período do curso de Letras, 20% no penúltimo período, 10% no sexto período, e os outros 10% nos demais períodos. A Uneal campus V, está localizada na cidade de União dos Palmares, no estado de Alagoas, e conta com 4 cursos: Geografia, Pedagogia, Letras Português e Letras Inglês, sendo todos os cursos licenciatura e com duração de oito períodos (quatro anos).

O objetivo foi verificar se os alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas - Campus V têm o hábito de leitura, bem como identificar se são leitores proficientes, com que frequência leem, e se consideram a leitura importante na formação acadêmica. Dessa forma, por se tratar de

uma pesquisa qualitativa, para uma melhor análise dos dados foram re-cortados os enunciados que compreendiam os aspectos mais significativos. Entendemos por pesquisa qualitativa o mesmo descrito por Paiva (2019, p. 13) ao citar Flick (2007, p. ix), “a pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas.”

Partindo do pressuposto de que o hábito de ler é de grande relevância para a formação universitária, é que julgamos importante entender o quão significativa a leitura é para esses estudantes em sua formação. Assim, ao serem questionados se na opinião deles a leitura é importante na formação acadêmica, todos os estudantes responderam que sim, inclusive utilizando de adjetivos como: essencial, importante, necessária, fundamental, entre outros, como podemos observar em algumas falas destacadas:

A leitura é de suma importância não só para a nossa formação como leitores, futuros professores, mas para a vida, pois através dela podemos ampliar nossa visão de mundo, podendo atuar como verdadeiros sujeitos crítico-reflexivos em meio às realidades apresentadas no meio social em que vivemos. (discente 12)

A leitura é imprescindível, é por intermédio dela que podemos fazer novas descobertas, adentrar em novos mundos, conhecer novas culturas, adquirir conhecimento, ampliar o vocabulário. Enfim, a leitura só traz benefícios. (discente 13)

Sim! Nos torna um ser mais crítico. (discente 26)

Sim, é uma ferramenta de libertação. (discente 27)

Apesar dos discentes confirmarem que a leitura é uma atividade relevante e que só traz benefícios, apenas 36,7% afirmaram ler todos os dias. O que contraria o dado coletado de 70% dizer ter o hábito de leitura. Podemos refletir que os universitários colocam a leitura como um ato de grande importância, porém não conseguem mantê-la diariamente. Outro dado que corrobora com a assertiva é a frequência com que pegam livros emprestados, onde apenas 20% relatam pegar livros na biblioteca com frequência e 10% dizem nunca ter pego livro emprestado. Witter (1999) relembra que embora a leitura esteja presente nas atividades dos universitários, eles não priorizam a leitura acadêmica de cunho científico como parte integrante do conhecimento.

O que nos leva para a questão sobre quais os gêneros textuais eles costumam ler, para esse questionamento, todos os estudantes apontaram que leem algum tipo de gênero literário, a saber: romance, drama, contos, crônica, poesia e cordel. Em contrapartida, 8 apontaram ler algum tipo de gênero acadêmico e 6 apontaram para a leitura de gêneros jornalísticos. O que acaba conduzindo para a hipótese de que é somente na universidade que esses estudantes têm contato com gêneros científicos, o que pode levar a predileção pelos gêneros literários, já que são gêneros mais conhecidos por eles. Em contrapartida, o gênero jornalístico, apesar de ser secundário²,

2 Como indica Bakhtin (2010, p. 263), “os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda a espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado.”

faz parte do cotidiano, uma vez que está situado nos acontecimentos diários, apresenta uma baixa frequência entre os estudantes pesquisados, o que, de certa maneira, pode ser mais um indicativo da baixa frequência de leitura.

Quanto aos meios de comunicação que utilizam para ler, a grande maioria, 86,7%, disseram ler livros impressos, em contrapartida, 40% dos estudantes disseram não ler livros eletrônicos. Apesar das tecnologias digitais estarem cada vez mais presentes na nossa rotina, nota-se que uma parcela ainda não utiliza os meios digitais como forma de adquirir novos conhecimentos. Vale salientar que, como lembra Soares (2002, p. 152), “a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever”, ou seja, uma nova relação entre os sujeitos letrados.

Observa-se que os estudantes têm consciência do papel da leitura tanto na sua vida pessoal quanto na sua formação acadêmica, apesar de não apresentarem dados positivos para um hábito de leitura ocasionando assim, uma performance de universitários não leitores.

A leitura é muito importante e essencial. Através delas passamos a aprender e a desenvolver novos conhecimentos, novos hábitos, novos argumentos e novas opiniões. Ler muda nossa forma de pensar e ver o mundo ao nosso redor, abre portas para novos conhecimentos, além de aprimorar nossa reflexão e criticidade. (Discente 2)

Afinal, sem leitura não há formação acadêmica, não há ciência, não há pesquisa, sem leitura opera a formação pelo senso comum, a “educação bancária”, ou seja, tudo menos a formação acadêmica. (discente 9)

A leitura é de extrema importância para a formação acadêmica principalmente para aqueles que como eu pretendem seguir carreira como professora, pois é a partir das várias leituras que fazemos, os conhecimentos que adquirimos através dessas, que nos construímos intelectualmente, profissionalmente e como pessoas mais humanas. (discente 13)

Decerto, o hábito de ler se concretiza em praticar efetivamente a leitura, isto é, em colocar a prática de leitura como uma atividade diária. Uma vez que, como afirma Marcuschi (2008, p. 65) o hábito de ler permite uma interatividade “social e mental que estrutura nosso conhecimento e permite que nosso conhecimento seja estruturado.”

Nesse sentido, é imprescindível que o ato de ler esteja cada vez mais inserido tanto no ambiente escolar quanto no familiar, na busca de tornar uma atividade corriqueira, principalmente em uma sociedade cada vez mais letrada. Porém, observa-se que o acesso aos livros não é democrático, uma parcela dos estudantes diz nunca ter comprado um livro, outra comprado poucos, e 60% dos estudantes pesquisados disseram comprar livros quando podem. O Brasil é um país marcado pela desigualdade social, e como tal, nega o acesso aos livros a uma grande parcela de sujeitos, seja por falta de políticas públicas, seja por falta de dinheiro, o que torna o hábito de leitura uma atividade distante para muitos.

Apesar de Moratti (2010) apontar que as práticas sociais de leitura e escrita serem uma preocupação do Estado desde meados do início do sé-

culo passado, primeira década republicana, passando em 1930 a integrar “políticas e ações dos governos estaduais como áreas estratégicas para a promoção e sustentação do desejado desenvolvimento nacional” (op. cit., p. 330), ainda são poucos os resultados observados, como apontamos anteriormente na tabela 1. Entre a lista de deficiências do sistema educacional brasileiro, como indica Geraldi (2006), o baixo nível de desempenho linguístico ocupa um lugar privilegiado.

Entendemos que o problema da falta de compreensão textual e do hábito de leitura se arrasta ao longo dos anos escolares. Apesar da leitura ter um papel central no processo de ensino/aprendizagem em todos os níveis e componentes curriculares, uma vez que a linguagem perpassa toda a nossa vida acadêmica e a leitura é uma atividade intrinsecamente ligada à linguagem, observa-se um certo descompasso entre o ideal e o real. “É necessário reconhecer um fracasso escolar” (GERALDI, 2006, p. 39), e no interior desta, na formação de leitores proficientes. Somente assim, quiçá, poderemos tomar medidas necessárias para a formação de uma sociedade totalmente letrada e leitora.

4. Em Busca de Uma Conclusão

O resultado da pesquisa confirma a hipótese levantada, a de que os estudantes não são leitores assíduos, apesar dos graduandos confirmarem que ler é uma atividade fundamental, principalmente no meio acadêmico e como futuros professores. Afinal, como indica um dos discentes, *para ser um bom professor precisa-se ter o hábito de leitura (Discente 29)*

É notória a importância que deve ser dada ao hábito de ler, e a leitura como compreensão, pois “ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. Nesse sentido, não basta decodificar as representações indicadas por sinais e signos; o leitor (que assume o modo da compreensão) porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se.” (CARVALHO, 2018, p. 29).

Retomando as perguntas propostas anteriormente, os estudantes do curso de Letras da Uneval - Campus V são leitores? Eles consideram o hábito de leitura importante para a formação acadêmica? Com que frequência eles leem? Mais especificamente, qual o hábito de leitura dos alunos graduandos do curso de Letras? A partir da amostra pesquisada, podemos inferir que os estudantes se encontram aquém do esperado, pois a taxa de alunos que cultivam o hábito de ler diariamente é de 36,7%, quando o ideal deveria ser 100%, já que esses alunos advêm de uma trajetória escolar, estando, praticamente, no último estágio de escolarização.

Diante dos dados e das análises apontados por esta pesquisa, podemos depreender que uma parcela desses estudantes não está no nível de leitor proficiente, e como tal, irão apresentar dificuldades no decorrer de sua formação acadêmica e conseqüentemente como professores. Assim, como enfatiza Lajolo (1986, p. 53)

se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente

significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

Portanto, foram apontadas algumas questões referente ao hábito de leitura dos estudantes do curso de letras pois, como constatado, os discentes ainda não se encontram familiarizados com a leitura mesmo que mais da metade (60%) estejam em processo de finalização da graduação. O problema da leitura deve ser encarado como uma responsabilidade social, o que indica que deve ser papel do Estado e de todos os profissionais da educação, desde a alfabetização até a graduação. Antes de mais nada, ler é um ato político.

Referências

ALVES, A. L. M. S. **Leitura e Universidade: comportamento de leitura na formação do pedagogo da UFPA**. In: simpósio brasileiro/v congresso luso brasileiro colóquio ibero-americano, 23. Porto Alegre. Por uma escola de qualidade para Todos. Porto Alegre: UFRGS/FEFED/PPGEDU, 2007. V. 1. p. 1

AMORIM, M.C.B.; FARAGO, A.C. **As práticas de leitura na educação infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, n.2, v.1, p.134-154, 2015.

BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: SEF, 1998.

HORWITZ, E. K. Using student beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course. **Foreign Language Annals**, v. 18, n. 4, p. 333-340, 1985.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. Ed. Ática. São Paulo: 2002.

CARVALHO, Robson Santos de Carvalho. **Ensinar a Ler Aprender a Avaliar: Avaliação Diagnóstica das Habilidades de Leitura**. São Paulo: Ipiranga. Parábola, 2018.

CHIAPPINI, Ligia (coord). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. V.3. São Paulo: Cortez, 1997.

INEP. Ministério da Educação. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil**. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-cien

cias-no-brasil/21206 > Acesso em: 22, set., 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 7. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **Prática de Leitura e Textos na Escola**. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O Texto na Sala de Aula: leitura e produção**. 5.ed. Cascavel: Assoeste, p. 77-89, 1990.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, Angela e MORAES, Silvia. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. 2 rep. Campinas: Mercado de letras, 2002.

KLEIMAN, A. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 5 rep. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto, In: **Leitura em crise na escola: as alternativas metodológicas**. ZILBERMAN, Regina (org.) – 6ª Ed - Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 51-62.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa, **A formação da leitura no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

MARCUSCHI, Luíz Antônio Marcuschi. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, p. 329-341, 2010.

NAVAS, A. L. G. P., Pinto, J. C. B. R., & Dellisa, P. R. R. **Avanços no conhecimento do processamento da fluência em leitura: da palavra ao texto**. Revista Da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2009.

NASCIMENTO, Maria Edna Porangaba; NOVAIS, Juliana Oliveira de Santana. **A leitura e a escrita na universidade: desafios na construção do trabalho de conclusão de curso**. In: OLIVEIRA, Almir Almeida de; SANTOS, Maria Francisca (org.). Linguagem , Uso e Ensino II. Arapiraca: Eduneal, 2021.

NOVAIS, Juliana Oliveira de Santana Novais. **Dever de Casa: Uma Análise da Compreensão Textual nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II em 05 (cinco) Escolas Estaduais de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.** 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

NOVAIS, Juliana Oliveira de Santana; NASCIMENTO, Maria Edna Porangaba do. **Uma visão panorâmica da prática da leitura na BNCC.** In: _____. (org.) Práticas em sala de aula: diálogos necessários. Arapiraca: Eduneal, 2020.

OLIVEIRA, Luciano Amaral Oliveira. **Aula de inglês: do planejamento á avaliação.** São Paulo: Parábola, 2015.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PIRES, E. A. de N., **A importância do hábito de leitura na universidade.** Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 17, n.2, p.365, Julho. 2012.

SANTOS, A. A. A. **Leitura entre Universitários: diagnóstico e Remediação.** 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SAVELI, Esméria de Lourdes. **Por uma pedagogia da leitura:** reflexões sobre a formação do leitor. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (orgs.). **Práticas de Letramento no Ensino:** leitura, escrita e discurso. Parábola: Ponta Grossa- PR: UEPG, 2007, p. 107-129.

SILVA, E, M. T. & Witter, G. P. (2008). **Compreensão de texto e desempenho acadêmico em estudantes de psicologia.** Estudos de Psicologia. Campinas, 25(3), 305-403

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura na Escola e na Biblioteca.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1986.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002.

SOLÈ, Isabel. **Estratégias de leitura.** trad. Claudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VIAN, O. **Gêneros discursivos e conhecimento sobre gêneros no planejamento de um curso de português instrumental para ciências contábeis.** Rev. Linguagem em Discurso. 2006; v. 6, n. especial.

WITTER, Geraldina Porto. **Avaliação da produção científica sobre leitura na universidade** (1989/1994). Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas , v. 1, n.

1, p. 31-37, 1996 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571996000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Maio 2021.

WITTER, G. (Org.). **Leitura e Universidade**. Campinas: Alínea, 1999.